Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

FUNDADO EM 1.º DE NOVEMBRO DE 1894

VOLUME XL

SUMÁRIO

O Colégio de Itú do meu tempo — *José Torres de Oliveira.*
A aclamação de Amador Bueno e a controvérsia a esse respeito — *Afonso de E. Taunay.*
A aclamação de Amador Bueno — *Alfredo Ellis Júnior.*
Amador Bueno, estadista colonial — *Aureliano Leite.*
Pedro II e a Campanha da Maioridade — *Cristovão de Camargo.*
Heitor Pais e os historiadores da antiga Roma — *Francisco Isoldi.*
Amparo (Resumo histórico) — *Bernardino de Campos.*
Colombo. Ensaios de colonização — *Júlio Cesar de Faria.*
A Conveção de Itú e a propaganda republicana em S. Paulo — *Fausto de Almeida Prado Penteado.*
Centenário do dr. Gumbleton Daunt — *Edmur de Sousa Queiroz.*
Portugal e a Civilização — *Tito Lívio Ferreira.*
O mapa da linha verde e a questão acreana — *Luiz Filipe de Castilhos Goicocheia.*
O monumento a Américo Vespucci — *Eduardo Jacobina.*
Dr. João Dabney de Avelar Brotero (Dados biográficos) — *Frederico de Barros Brotero.*
A catequese dos índios bororos nos sertões de Mato-Grosso — *Padre Antônio Colbacchini.*
Tapirapés, "Chave" do Roncador — *Roberto C. Pompílio.*
Baurú — Um documento interessante — *Antônio de Almeida Cintra.*
Os índios guaiacís ou atchês — *Paulo Maybach.*
Reminiscências do Distrito de Campinas em bairro, freguesia e vila — *Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.*
Bandeirantes no Ocidente — *Cônego Luiz Castanho de Almeida.*
Lista da Vila de Taubaté que contem 3.546 pessoas (Ano de 1765) — *Benedito Marcondes.*
Elogios históricos (1919-1924) — *Eugênio Egas.*
Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. — *Necrológios, relatório, cadastro social e atas, relativos ao ano de 1940.* — *Balancete de 1939.*

295

315

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

TAPIRAPÉS — "CHAVE" DO RONCADOR (1)

ROBERTO C. POMPÍLIO.

O fracasso das diversas expedições que buscaram atingir a serra do Roncador e tudo que em torno dessa serra se tem escrito, povoando-a de lendas, envolvendo-a em mistério, muito contribuiram para aumentar cada vez mais o interesse que essa região sempre me despertou no decorrer de meus estudos sobre o Brasil Central. Procurando conhecer os principais motivos que determinaram tais insucessos, notei que, na maioria dos relatórios e descrições desses exploradores, são mencionadas quase sempre as mesmas dificuldades de ordem natural a que as circunstâncias deram a forma de gigantescos obstáculos a tolher-lhes os passos, a enfraquecer-lhes o ânimo.

É sabido que o curso dos rios foi sempre o caminho preferido pelos que procuram penetrar nossos sertões; porquanto, alem de tornar muito menos trabalhosa a viagem, mantem melhor assegurada a subsistência, embora dificulte o transporte de animais de carga, de grande utilidade quando a penetração passa a ser feita por terra. Entretanto, os que procuraram aproximar-se do Roncador, subindo o rio Xingú, lutaram com tantas dificuldades e perderam tanto material, na "zona das cachoeiras", que não se sentiram com ânimo para enfrentar, depois, a segunda etapa: a pé, através do mato.

Outros, partindo de Cuibá, desceram o rio Manso, até ao ponto onde ele tem o nome de rio das Mortes. Alí deixaram as canoas e, em número reduzidíssimo, penetraram no sertão, rompendo a mata virgem; procurando atingir a serra pelas cabeceiras do Xingú. Era enorme a distância a ser percorrida, através de uma região inteiramente desconhecida e infestada de índios bravios. Alem disso, a comitiva era pequena, sem tropa de carga e material suficiente para enfrentá-los. O regresso se impunha, antes de ser atingido o objetivo visado. Os que insistiram em prosseguir, nunca mais voltaram...

Partindo de S. Paulo, fartamente equipada e precedida de muita publicidade, uma expedição, composta de mais de 30 pes-

(1) Trabalho lido em sessão do Instituto de 5 de junho de 1940.

soas, propunha-se chegar ao Roncador, descendo o Araguaia até à foz do rio das Mortes e subindo esse rio até ao ponto onde ele mais se aproxima da serra, e atingí-la, depois de curta caminhada, pelo serrado. Regressaram logo sem melhores resultados que as fantasias escritas em torno dessa viagem e inutil massacre dos índios Chavantes, que provocou tão justo e enérgico protesto junto ao Governo Federal, por parte do grande sertanista brasileiro, General Cândido Mariano Rondon.

Num esforço sobrehumano, a vanguarda da "Bandeira Anhanguera", em 1937, atingiu os últimos contrafortes da ponta Sul da serra do Roncador, onde, por assim dizer, a serra morre, formando um chapadão desnudo. Essa expedição partiu tambem de Leopoldina, porem desceu o Araguaia somente até Cocalinhos. Dalí seguiu a pé, conduzindo uma tropa reduzida de cargueiros magros e sobrecarregados. Atravessou o rio Cristalino, varou o cerradão, atravessou o rio das Mortes e enfiou-se pelo mato, até encontrar os últimos contrafortes do Roncador. A falta de recursos para invernar alí impôs-lhe regresso imediato.

O curso principal do rio das Mortes é orientado, mais ou menos, na direção Sudoeste, e grande parte do mesmo corre paralela ao Araguaia, onde se despeja, um pouco abaixo da ponta Sul da ilha do Bananal. Segundo os melhores cartógrafos, a parte central da serra do Roncador fica muito mais ao Norte e, estendendo-se para o Sul, vem morrer próximo ao baixo rio das Mortes. Depois, começa a serra Azul, indicada nos mapas da região como uma sucessão de montes e chapadas que se estende ao longo da margem esquerda do alto rio das Mortes e que tem sido muito confundida com a serra do Roncador. Alguns morros podem ser vistos por quem sobe esse rio, tal a sua aproximação. A expedição Oliveira Borges, em 1933, teve ocasião de assiná-las e, até, de fotografar alguns.

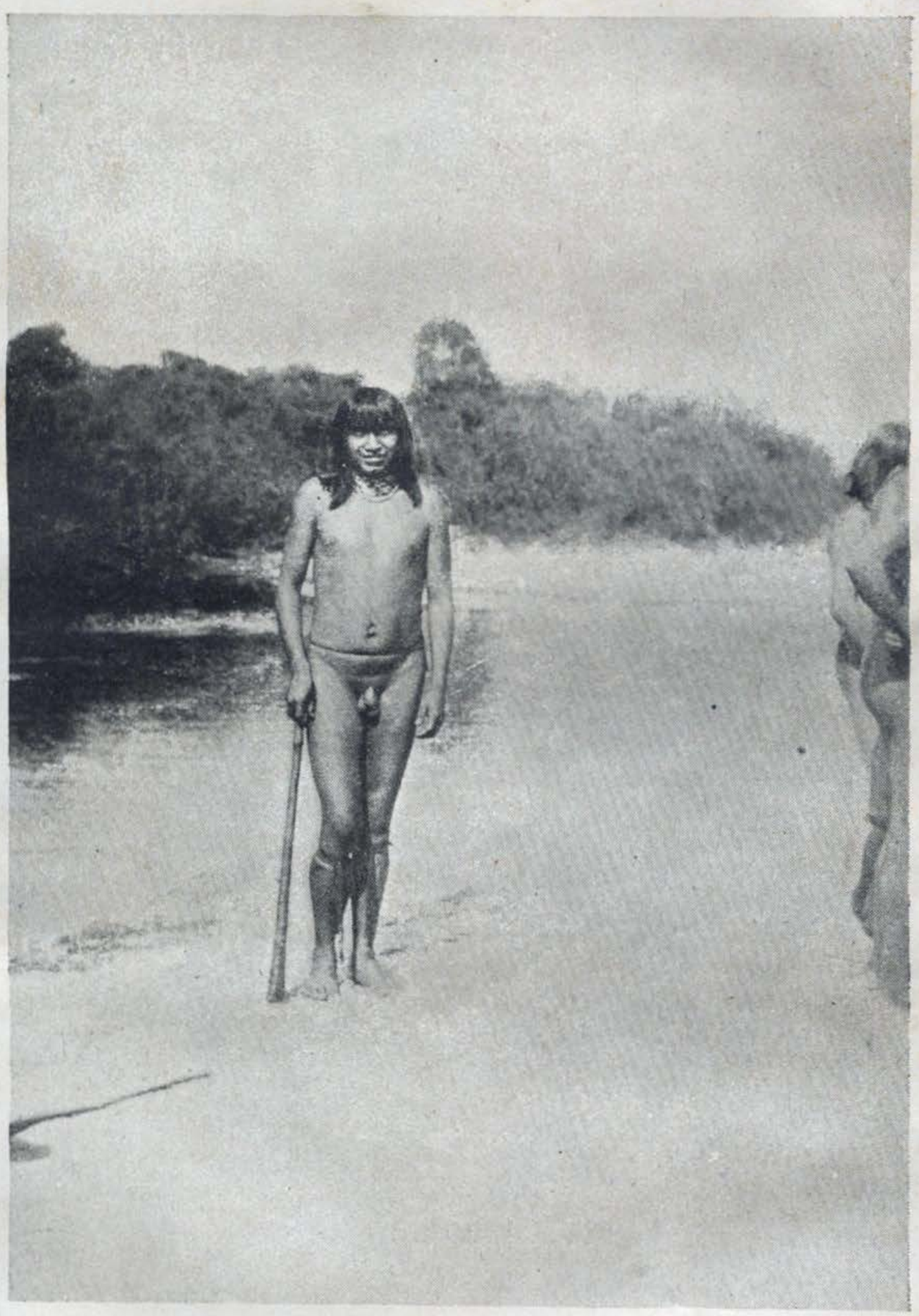
Estudando o curso do Araguaia, cheguei à conclusão de que talvez fosse possivel aproximar-me mais facilmente da serra do Roncador descendo esse rio e subindo um seu afluente, cujas vertentes mais se avizinham daquela serra, ou seja, alcançá-la pelo lado do Araguaia. O único rio em tais condições me pareceu ser o Tapirapés, indicado nos mapas como tendo sua nascente próxima à parte central da serra do Roncador. Procurei confrontar tantos mapas quanto me foi possivel consultar e as divergências entre eles eram tão pequenas que cada vez se firmava mais minha convicção de que **pelo Tapirapés eu me aproximaria mais do Roncador do que por qualquer outro caminho.**

A confirmação dessa suposição encontra-se nas notas que se seguem. Dei-lhes a forma de roteiro, na esperança de que um

"CROQUIS" DO PERCURSO DA EXPEDIÇÃO TAPIRAPÉS DESDE S. PAULO

298.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org



INDIO TAPIRAPÉ

300

dia possam ser de algum modo uteis a alguem que pretenda chegar ao ponto por mim atingido e dalí prosseguir até ao Roncador.

NOTAS SOBRE O RUMO DO RONCADOR

(Do meu diário da "Expedição Tapirapés")

Descendo o rio Araguaia, no 14.º dia de viagem, desde a vila de Leopoldina, chegamos à foz do Tapirapés, o qual, orientando-se de Oeste para Leste, desemboca no braço maior daquele rio, em frente à ilha do Bananal, a 14 léguas da ponta Norte dessa ilha.

Ao longo do Araguaia, encontram-se muitos "furos", embocaduras de rios e de lagos. Entretanto, a foz do Tapirapés é facilmente reconhecivel, porquanto, excluindo um pequeno morro de areia (cemitério dos índios Carajás), é o primeiro ponto, desde Leopoldina, em que se notam elevações apreciaveis e de formação rochosa.

Efetivamente, a cerca de 200 metros da foz do Tapirapés, o braço maior do Araguaia comprime-se entre rochedos talhados a pique e com mais de 10 metros de altura. Depois, alarga-se consideravelmente, para receber, em amplo estuário, as águas do Tapirapés, que nele se despejam numa largura de mais de 300 metros, semeado de ilhotas. Um morro, tambem talhado à pique, ergue-se da margem esquerda da foz daquele rio, em ângulo com o Araguaia. No alto, vê-se uma cruz de madeira, cujos braços estão orientados na direção Leste-Oeste e que alí foi levantada pelos padres Dominicanos do posto de catequese de Sta. Teresinha, distante oito léguas abaixo, na margem do Araguaia. No sopé desse morro, abrindo para o Tapirapés, há uma pequena enseada de águas mansas. Em suas margens, excelente lugar para acampamento. Alí estabelecemos nossa primeira base.

Subimos oito dias o Tapirapés, que descreve muitas e caprichosas curvas. No segundo dia, chega a formar um perfeito caracol, passando três vezes próximo ao mesmo ponto, conforme foi possivel observar. Diversos lagos e "furos" se comunicam com o rio e é preciso muito cuidado para não confundí-los com o canal, do que resultaria grande atraso na viagem. Esses lagos e esses "furos" são, às vezes, muito extensos e quase da mesma largura do rio. Até ao terceiro dia, subindo o Tapirapés, quase não se percebe a correnteza, que só depois se vai acentuando, embora muito lentamente. A caça e a pesca são abundantes e

asseguram alimentação sadia e variada. Água excelente e muito clara, sobre um leito de areia fina.

O rio, às vezes, alarga-se até 100 metros, formando praias de areias muito brancas; às vezes, divide-se em canais cuja largura não vai alem de 15 metros e cujas margens, de barrancos a-prumo, são cobertas de florestas ou mato sujo, numa faixa de 100 a 200 metros. Depois, o campo, a perder de vista, ou o cerrado ralo, onde a caça é abundante.

Acampamos, de preferência, nas ilhotas formadas pelo bancos de areia, que o rio, muito baixo, deixa inteiramente a descoberto. É uma medida de prudência e maior proteção contra os índios Chavantes, que, em suas incursões pelas "gerais" (1) chegam até às margens do Tapirapés.

Do terceiro ao quinto dia, encontramos marcos assinalando o ponto de onde voltaram outras expedições, e, pelas inscrições neles gravadas, nos foi possivel saber o nome de alguns de seus componentes, na maioria estrangeiros, aliás conhecidos. Um deles publicou um livro criticando muito nossa terra e nossa gente, e onde contesta categoricamente a existência da serra do Roncador, que não tem culpa dele ter voltado dalí sem avistá-la — cerca de 100 kms. distante dos seus primeiros contrafortes.

No sexto dia, divisamos, ao longe, num estirão do rio, uma segunda cruz, tambem orientada rumo Leste-Oeste. Erguida à margem esquerda, num trecho onde o campo se estende até ao rio. Alí os Dominicanos deixaram seu último marco. Um pouco mais adiante, nosso guia Carajá pôs fogo no campo, para indicar aos índios Tapirapés a nossa aproximação. Esse fogo, posto naquele lugar, é percebido pelos índios a muitas léguas distante e eles consideram o aviso como aproximação de amigos tori (brancos) que os vêm visitar.

No fim do oitavo dia, chegamos a um ponto onde o Tapirapés se birfurca. Recebe um pequeno afluente em sua margem esquerda e é cortado um pouco acima por um "travessão" — pedras afloradas à superfície e dispostas em sentido transversal ao leito do rio.

E' alí o ponto terminal de nossa viagem fluvial, através de uma região inteiramente selvagem e deserta, onde muitas vezes foi preciso arrastar as canoas, devido à pouca profundidade do rio, ou abrir a machado a passagem vedada com a queda das ávores arrancadas dos barrancos pela força das enchentes.

---

(1) Nome com que os nativos de Goiaz e Mato-Grosso designam o sertão bruto.

Deixamos as canoas ocultas no mato sujo da margem direita e começamos a viagem a pé, através do campo, rumo Noroeste. Mais uma vez, era nosso guia um missionário da União Evangélica Sul-Americana, com base em Macauba, na ilha do Bananal, alem de um índio Tapirapés que vive naquele posto e que tambem nos serviu de intérprete juntos aos de sua tribu.

Seguimos a trilha dos Índios Tapirapés que costumam vir da aldeia para pescar tartarugas na margem do rio.

E' necessário levar provisão de água para consumo de um dia, alem de alguns mantimentos, se bem que a caça seja, em geral, facil e abundante.

Deve-se sair com a primeira luz da madrugada.

À sombra de um grande faveiro, perto da margem do rio, fincamos um marco orientado no nosso rumo.

Depois de quatro léguas de caminhada, chegamos a um lago denominado "Tucunaré", devido à grande quantidade deste peixe que alí se encontra.

A região que atravessamos é campo: inteiramente plana e coberta de vegetação rasteira e muito falhada. Poucos arbustos espalhados aquí e alí, destes que comumente crescem nos cerrados ralos; retorcidos e mirrados, de folhagem pobre, não oferecem sombra. Nenhuma árvore de grande porte. Estamos em fins de agosto; o sol queima à vontade.

Nossa posição geográfica é entre 10 e 11 graus de latitude Sul por 51 e 52 de longitude Oeste de Greenwich. Mais cinco léguas de campo sempre rumo Noroeste.

Após três léguas de marcha, avista-se, à direita, um morro isolado e de forma cônica. Logo adiante, uma pequena cadeia de montanhas, disposta em arco. Chega-se, então, a uma floresta alta porem limpa que se atravessa numa extensão de duas léguas, sempre pela trilha dos índios. Alem dessa mata, estende-se um vale de terras muito ferteis e boas aguadas, terminado ao Oeste por um pequeno rio, alem do qual o horizonte é fechado por outra mata.

Nesse vale, os índios Tapirapés têm sua aldeia e suas roças: é a ALDEIA DO CAMPO.

Dalí avistam-se, há 1/4 de légua, três pedras perfeitamente semelhantes, embora de tamanhos diferentes. Têm essas pedras a forma de cubos, porem com a parte de cima abaulada. Estão dispostas em fila: a maior, a média e a menor, guardando entre si proporções exatas.

Vistas de longe, parecem talhadas pela mão do homem, e não obra da natureza.

Vadeando o riozinho em frente à Aldeia, atravessando o cerrado, depara-se com uma pequena serra. Dalí, em direção ao poen-

te, avista-se, ao longe, confundindo-se com as brumas, uma serra muito alta que se estende em direção Norte-Sul e que os Tapirapés dizem coberta de imensas florestas e povoada de índios muitos bravos e em grande número. E' a serra do Roncador, o divisor de águas entre o Araguaia e o Xingú, cuja posição geográfica é geralmente indicada nos mapas entre 10 e 12 graus de latitude Sul e 53 de longitude Oeste de Greenwich. (2)

Contam os TAPIRAPÉS que, já passadas muitas luas, tendo a aldeia crescido muito, resolveram dividir a tribu: uma parte ficou sendo a "ALDEIA DO CAMPO", e a outra atravessou o riozinho, varou o cerrado e estabeleceu-se à distância de um dia, em direção à serra que se avista dalí. Fundou-se assim a ALDEIA DO MATO. Ergueram-se cabanas circulares, cobertas de folhas de burití. Plantaram-se roças.

Quando a roça cresceu e estava no ponto de colheita, vieram os índios que habitam OUTRA SERRA MUITO ALTA, LÁ MAIS PARA O POENTE. Lutaram. Os homens foram mortos — vencidos pela superioridade numérica do inimigo, que devastou as plantações, incendiou a aldeia e levou prísioneiras mulheres e crianças. Poucos escaparam, para juntar-se novamente à ALDEIA DO CAMPO.

Uma expedição com base na Aldeia dos Índios Tapirapés poderá tentar a exploração da serra do Roncador, com maiores probabilidades de êxito, desfazendo, talvez, muitas lendas que em torno dela se têm creado.

Dalí, a SERRA poderá ser alcançada pelo centro, e não pelos flancos, indicado nas cartas do Brasil Central como "zona pouco explorada".

O caminho até à Aldeia dos Tapirapés, e mesmo um pouco mais alem, já é conhecido. Aqueles índios são de índole pacífica e acolhem de bom grado os que deles se aproximam como amigos. Guardo dessa gente as melhores recordações. Receiam, temem mesmo, os índios que habitam o RONCADOR, mas estariam dispostos a auxiliar uma expedição numerosa e bem preparada, pondo-lhe à disposição seus melhores guias, reforçando-a com seus mais valentes guerreiros.

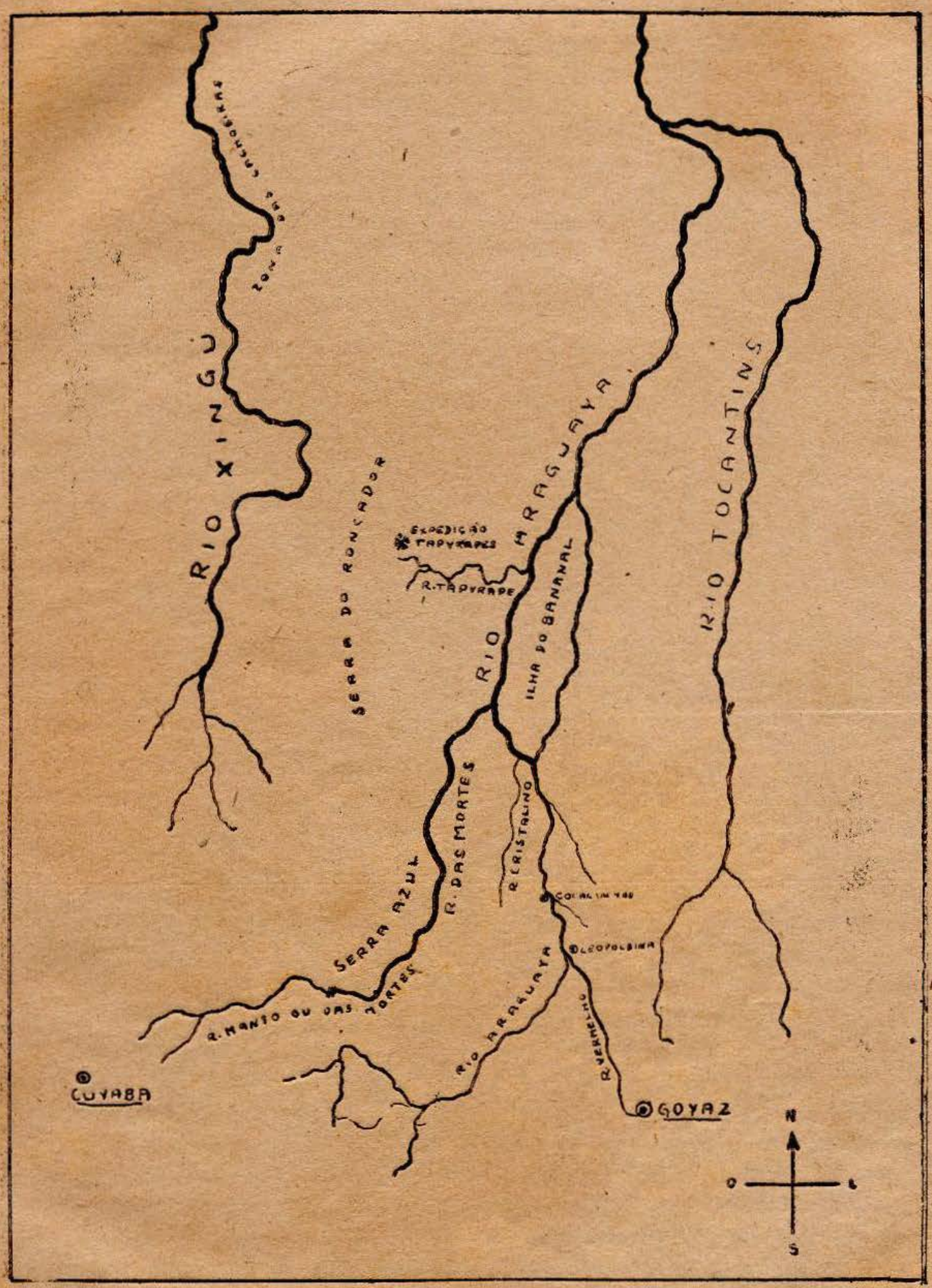
Nossa pequena expedição, composta apenas de oito pessoas, não estava aparelhada para ir mais adiante. Aliás, Tapirapés era o nosso objetivo, e este fora atingido satisfatoriamente. O

---

(2) Grande Atlas "STIELER", Dr. Hermann Haak (Brasil do Norte, fls. 108).. — Mapa da América do Sul, edição de 1937, Sociedade Geográfica Americana. — Mapa do Brasil, J. Carneiro da Silva e Pedro Voss, edição de 1938. — Mapa do Brasil, Barão Homem de Melo, parte especial, 23.a edição, 1909. — E muitos outros.

que dalí observei e que se acha toscamente resumido nas notas que venho de transcrever, me deu a firme convicção de que Tapirapés é a "chave" do Roncador. Se eu não tiver oportunidade de utilizá-la, conforme meu desejo, estou certo de que não faltará aos brasileiros de S. Paulo, que tanto têm contribuido para o desbravamento de nossos sertões, ânimo bastante para a realização de mais esse empreendimento.

306



"CROQUIS" MOSTRANDO A REGIÃO ATINGIDA PELA "EXPEDIÇÃO TAPIRAPÉS"

SUBINDO O RIO TAPIRAPÉ — Fotografia tirada num ponto onde o canal se achava obstruido pela queda de árvores da margem, obrigando-nos a um desvio

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org